

EMI: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO

EMI: An experience in the technological higher education

Fabiana IGNÁCIO (Centro Paula Souza, São Paulo, Brasil)

Rodrigo Avella RAMIREZ (Unidade de pós graduação-Ceeteps, São Paulo, Brasil)

Helena Gemignani PETEROSI (Unidade de pós-graduação-Ceeteps, São Paulo, Brasil)

Beatriz Galhardo Oliveira SANCHES (Centro Paula Souza, São Paulo, Brasil)

RESUMO: *Em tempos atuais, a língua inglesa adquiriu, em escala mundial, o papel de língua franca, ou seja, uma língua usada para comunicação internacional entre não falantes nativos do idioma. Esse novo papel do inglês tem gerado inovações no ensino-aprendizagem do idioma, principalmente no ensino superior. Dentro desse contexto, surge o EMI (English As Medium Of Instruction). Este artigo é um estudo de caso que teve como objetivo relatar uma experiência e os desafios na implementação de um curso piloto no ambiente EMI dentro de uma instituição pública de ensino superior tecnológico do Estado de São Paulo. Os dados foram obtidos por meio de referências e, também, por meio de uma entrevista semiestruturada. A partir dos resultados da análise da entrevista, pôde-se concluir que esta experiência inovadora alcançou seus objetivos e que, certamente, contribuirá para a criação de outros projetos em EMI.*

PALAVRAS-CHAVE: EMI; Ensino superior tecnológico; Língua franca

ABSTRACT: *Nowadays, the English language has acquired, on a worldwide scale, the role of lingua franca, that is, a language used for international communication between non-native speakers of the language. This new role of English has generated innovations in the teaching-learning of the language, especially in higher education. Within this context, EMI (English As Medium Of Instruction) emerges. This article is a case study that aimed at reporting an experience and the challenges in implementing a pilot course in the EMI environment within a public institution of technological higher education in the State of São Paulo. The data were obtained through bibliographic references and, also, through a semi-structured interview. The results allow to conclude that this innovative experience has achieved its objectives and that it will certainly contribute to the creation of other EMI projects.*

KEYWORDS: EMI; Technological higher education; Lingua franca

1. Introdução

O Inglês é a língua oficial de vários países, entre eles, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e Inglaterra, com mais de meio bilhão de falantes GRADDOL (2006). Entretanto, o Inglês também é a língua estrangeira mais falada no mundo atualmente, pois para cada falante nativo existem dois não nativos. “O inglês é provavelmente a única língua estrangeira que possui mais falantes não nativos do que nativos” (LEFFA, 2006, p.364).

Em tempos atuais, denominados por alguns de pós-modernos, por outros de sociedade da informação ou sociedade globalizada, é cada vez mais nítido o papel de língua franca que a língua inglesa parece ter adquirido em escala mundial. “Por língua franca entende-se uma língua aprendida, além de seus falantes nativos, para ser utilizada em relações internacionais entre não nativos desta língua” (RAMIREZ, 2014, p.58). Naturalmente, existem implicações tanto para o ensino da língua como para a formação dos profissionais que a ensinam.

Uma língua em que dois terços de seus falantes não são nativos, não pode se dar ao luxo de ser purista. Por isso, as variações nacionais e regionais do uso do inglês devem ser reconhecidas como parte do processo de variação linguística de um idioma. “Uma língua multinacional, como o Inglês, caracteriza-se por não ter nacionalidade”(LEFFA, 2006, p.368).

Ao estudar um idioma, deve-se saber o foco de interesse, que pode ser relacionado ao país onde a língua é falada ou onde a língua é estudada. Ou seja, a escolha do foco implicará em questões metodológicas para o ensino e também para a formação do professor. No caso do inglês, uma língua multinacional, a motivação instrumental não permite que se ensine a língua atrelada a uma única cultura.

Não existe uma única e correta forma de se ensinar inglês, ou qualquer outro idioma. Porém, a ascensão da língua Inglesa à condição de língua internacional traz mudanças paradigmáticas para o seu ensino; algumas já estão em andamento, outras em fase de implementação e outras ainda não passam de construtos acadêmicos. Certo é que todas têm, ou terão, forte implicação no trabalho e na formação do docente.

Para Graddol (2006), uma dentre as principais mudanças paradigmáticas em curso no mundo globalizado seria o ensino de inglês sob o enfoque do inglês como língua franca (ILF). Nessa perspectiva, os sujeitos de aprendizagem passam a ser falantes não nativos da língua, e o estudo da interação entre esses falantes assume papel central no processo de ensino-aprendizagem. O foco dessa abordagem não reside tanto na precisão gramatical, mas na inteligibilidade e nos recursos estratégicos utilizados tanto pelo emissor como pelo receptor para que a comunicação entre ambos se efetive. Já existem grupos de linguistas que se dedicam ao estudo específico dessas relações e buscam formular uma linguística de corpus específica. A mudança será favorável para o reconhecimento do professor não nativo já que este passa a ser o modelo a ser estudado.

A língua inglesa ao ser utilizada como meio de comunicação não somente entre nativos, mas também entre não nativos, tem gerado uma série de inovações no ensino-

aprendizagem do inglês, principalmente no ensino do idioma em nível superior. Dentro deste contexto, surge, então, o EMI (English as a Medium of Instruction), objeto de análise desse artigo. Quais os desafios encontrados para a implantação de um curso em ambiente EMI em uma instituição de ensino superior tecnológico?

2. Referencial Teórico

Segundo Dearden (2017), EMI significa inglês como meio de instrução, ou seja, é o uso da língua inglesa para ensinar matérias técnicas no nível superior em países cuja língua nativa não seja o inglês. É Abordagem interdisciplinar em que a língua estrangeira é utilizada como um meio para a aprendizagem de outra disciplina que não apenas ela mesma.

É importante considerar o inglês como uma língua mundial que nos permite a comunicação com pessoas de várias partes do mundo, nos conectando com diferentes culturas e nações. Esse processo está dentro do que chamamos globalização. Hall (2006) sintetiza a globalização como um complexo de processos e forças de mudança. Já McGrew (1992) argumenta que a ela vem deslocando as identidades culturais nacionais, desde o fim do século XX. A "globalização" se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Esses processos impulsionam o uso do inglês, principalmente na educação profissional de nível superior, pois em um mundo cada vez mais conectado, a língua inglesa passa a ter um papel fundamental, já que é a língua mais usada para comunicação mundial. O que, de certa forma, justifica o crescimento do EMI nas universidades ao redor do mundo.

No cenário contemporâneo, a língua inglesa adquire o status de Língua Franca, que a Unesco (1953) define como a língua usada habitualmente entre pessoas cujas línguas maternas sejam diferentes, de modo a facilitar a comunicação entre elas. Essa situação envolvendo falantes de diferentes línguas nativas fez com que o inglês assumisse um papel de extrema importância no cenário linguístico atual. Rosa (2016) e Pallú (2013) conceituam o inglês como Língua Franca (ILF) de várias formas, entre elas, o ILF considera a natureza intercultural do uso do inglês em comunidades interculturais, cujo objetivo pedagógico é desenvolver um tipo de proficiência comunicativa apropriada ao contexto de utilização.

Nesse cenário de ILF, o EMI assume um papel de destaque, pois o inglês será a língua usada como meio de comunicação entre não nativos dentro de um contexto específico, no qual alunos e professores deverão fazer acomodações linguísticas para que haja comunicação entre eles.

O EMI tem sido cada vez mais difundido no Brasil. Segundo Martinez (2016), é difícil determinar quando o EMI começou no Brasil, pesquisas revelam poucas

evidências de cursos ensinados em língua inglesa antes de 2010, porém não significa que esses cursos em EMI não existiam. Atualmente existem algumas instituições universitárias trabalhando com EMI, entre elas estão: FEA_RS/USP; PUC Paraná; PUC RS; UF Viçosa; Fundação GV; UF Paraná, entre outras (MARTINEZ, 2016).

Com o Brasil em desenvolvimento, estando cada vez mais inserido em um mundo globalizado, a procura por cursos com a abordagem EMI tende a crescer cada vez mais, pois trará muitos benefícios para a educação brasileira, ao contribuir para um maior índice de internacionalização da universidade nacional, alguns exemplos de benefícios podem ser:

- ✓ Atrair estudantes de outros países;
- ✓ Preparar os alunos para atuar em um mundo globalizado;
- ✓ Elevar o ranking da universidade;
- ✓ Internacionalizar universidade no âmbito da pesquisa interinstitucional;
- ✓ Oferecer um currículo internacional.

A implementação do ambiente EMI sempre representará desafios para os envolvidos. Segundo Baird (2017), o ambiente EMI sempre representará desafios tanto para professores e alunos, quanto para as universidades na implementação do programa como também na criação de políticas de ensino.

Um desses desafios é o linguístico. Martinez (2016) diz que de acordo com Bradford (2016), desafios linguísticos são desafios relacionados à língua usada pelos professores e alunos no ambiente EMI. Por exemplo, dificuldade de entender o que o outro diz; dificuldades de entender o conteúdo técnico ensinado; dificuldade de se expressar em outro idioma, entre outros. Segundo Martinez (2016), um dos desafios linguísticos mais comuns no ambiente EMI é a inadequação da proficiência do inglês pelos professores e alunos. De acordo com o Conselho da Europa (2006), Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR), o professor deverá ter nível C1 e o aluno nível B2 no mínimo, evitando assim, futuros desencorajamentos.

As pesquisas não são favoráveis à proibição de outros idiomas nos ambientes de EMI, e as diretrizes de internacionalização tendem a favorecer o multilinguismo e a diversidade; no entanto, o uso sistemático do inglês é frequentemente visto como importante para o desenvolvimento e progresso dos alunos nos programas de EMI, especialmente em termos de aprender a se expressar através do inglês.

Outro desafio no ambiente EMI é com relação à identidade do professor de conteúdo e a do professor de idiomas. O professor de conteúdo é aquele que leciona a matéria técnica, usando o inglês como meio de instrução. Esse profissional precisa ter domínio do idioma, saber lidar com múltiplos saberes e saber adaptar sua metodologia às necessidades em sala de aula. “Se os profissionais de EMI têm altos ou baixos níveis de confiança em seus conhecimentos em inglês, eles incentivariam idealmente a **clareza, a empatia, a flexibilidade e o comprometimento** no uso do inglês, e eles priorizariam o que é comunicativamente importante em seus campos e as situações comunicativas que enfrentam. Como isso pode ser alcançado? Com

suporte, humor, tecnologia, tempo, personalização, acomodação constante ou tudo isso” (BAIRD, 2017 p. 3).

Os educadores universitários precisam se comunicar de forma acessível com pessoas que não são membros experientes (BAIRD, 2017).

No ambiente EMI, devemos nos comunicar de forma a ajudar a desenvolver a consciência comunicativa dos alunos em um contexto acadêmico, ao mesmo tempo em que mostramos os benefícios da flexibilidade, clareza e abertura.

Existem várias abordagens para isso, mas nenhuma que exija inculcar uma crença em um modelo de linguagem estática ou do falante ideal (o falante nativo do inglês). Ir além dessas construções pode ser difícil, mas ajuda a garantir que o inglês seja o meio e não o foco da educação dos alunos.

Os desafios relacionados à abordagem EMI se fizeram presentes em um curso piloto realizado em uma instituição pública de ensino superior tecnológico do estado de São Paulo, a qual será relatada a seguir.

3. Método

Este artigo é um estudo de caso que tem como objetivo relatar uma experiência de implementação de um curso em ambiente EMI dentro de uma instituição pública de ensino superior tecnológico do Estado de São Paulo.

Apresentamos a seguir os instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados que estão baseados em uma entrevista semiestruturada que “consiste em uma conversa intencional e é utilizada quando existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas, ou ainda quando se deseja aprofundar uma questão” (RIZZINI et al., 1999 p. 62). Além disso, apresentamos o professor e os dados do curso piloto de EMI ministrado em uma instituição de nível superior tecnológico do Estado de São Paulo.

3.1 O Curso

O curso intitulou-se “MKT 101 Branding for Technology students - A brand new course”. O professor de conteúdo optou pelo tema *branding*, pois é um tema que pode ser aproveitado por todos os alunos de todos os cursos ofertados na unidade de ensino onde ministra aulas, desde Gestão Empresarial, Logística até mesmo Análise e Desenvolvimento de Sistemas, além de ser um tema que disponibiliza vasta literatura em língua inglesa. O curso foi ministrado em uma Instituição Pública Estadual de Ensino Tecnológico Superior, com mais de 50 campi no Estado de SP, que tem mais de 60 mil alunos e mais de 50 tipos cursos em nível tecnológico.

O projeto do curso EMI foi criado a partir de questionamentos feitos pelo professor, que percebeu um aumento de oferta de cursos bilíngues na Educação Básica. Por ser professor de ensino superior, se questionava sobre o fato de que essas crianças

vão sair bilíngues de uma educação básica e depois vão perder esse bilinguismo, se não praticarem, quando forem para o ensino superior, que é a fase na qual eles mais vão precisar, seja por questões acadêmicas (leituras, congressos, intercâmbios) ou profissionais (estágios e emprego). A partir desses questionamentos, surge, então, o curso EMI com foco no ambiente de ensino superior.

O professor ministra aulas em uma faculdade de tecnologia, que possui na grade curricular a disciplina de inglês em todos os anos. Então, o professor decidiu conversar com o diretor da unidade sobre a possibilidade de um curso EMI no início do ano letivo.

O curso deveria ser de uma disciplina técnica, por isso o professor elaborou um *checklist*:

- ✓ Encontrar professores fluentes em inglês;
- ✓ Encontrar professores fluentes e que aceitassem participar do projeto;
- ✓ Decidir o tema do curso;
- ✓ Preparar o plano de curso
- ✓ Divulgar o curso;
- ✓ Selecionar os alunos (estabelecer critérios de seleção);
- ✓ Implementar o curso e fazer acompanhamento com docentes, discentes e equipe gestora ao término dele.

Antes do início das aulas em si, ocorreu a preparação do curso; a divulgação (Murais e redes sociais) e o teste de proficiência de inglês. Os requisitos foram: ter no mínimo B1 (escala QECR) e entrevista eliminatória.

O curso teve carga horária de 30 horas, com aulas de 100 minutos, ministradas semanalmente das 20:00 às 21:40. Foi estruturado da seguinte maneira: leituras prévias (artigos, capítulo de livros); exposição teórica (textos, vídeos); discussão e análise de casos. Ao término do curso, os alunos realizaram apresentação individual de Seminário.

Durante o curso, a bibliografia foi 100 % em língua inglesa, que era também a língua de instrução usada em sala de aula. Já na interação, os alunos podiam usar tanto a língua inglesa quanto a língua portuguesa. A disciplina era eletiva com um sistema de avaliação composto de apresentação do trabalho final (Seminário) com nota mínima de 50%; participação e frequência nas aulas com o mínimo de 50%. Ao término do curso, os alunos receberam um certificado de participação oficial da instituição.

3.2 O Professor

O professor que ministrou o curso possui graduação em Comunicação Social e, também, Licenciatura em Língua Inglesa, conferindo a ele a habilidade de ser tanto professor de conteúdo como professor de idiomas, porém, neste contexto, assumiu o papel de professor de conteúdo.

Durante a entrevista o professor relata seus conflitos de identidade, descreve os desafios enfrentados na elaboração do curso, além dos desafios enfrentados por ele e pelos alunos durante as aulas, tanto nos aspectos linguísticos como nos pedagógicos. Apresenta, também, os resultados obtidos com o curso piloto de EMI.

3.3. A Entrevista

A entrevista semiestruturada está dividida em quatro fases: o projeto, o curso, os resultados e as experiências. Foram feitas perguntas que dessem uma visão geral de cada etapa do curso, desde a criação até os resultados. Perguntas como: Qual foi a motivação do projeto? Quais foram as etapas e os desafios em cada fase do projeto? Quais foram os desafios linguísticos e como eles foram superados? Quais seriam as possíveis alterações no curso? Quais foram as experiências e os resultados obtidos?

4. Discussões e Resultados

Ao analisar os dados colhidos da entrevista semiestruturada, percebemos que houve desafios em cada fase do projeto piloto de EMI, desde a concepção, elaboração e realização até os resultados. Segundo Baird (2017), sempre haverá grandes desafios na implementação do ambiente EMI.

Um dos desafios para o professor idealizador do curso foi encontrar professores fluentes em inglês e que aceitassem participar deste projeto.

Poucos docentes fluentes (nível C1) com condição de sustentar uma disciplina em língua inglesa, além disso nenhum com disponibilidade de tempo e horário para se dedicar ao projeto. Segundo Martinez 2016, um dos desafios linguísticos mais comuns no ambiente EMI é a inadequação da proficiência do inglês pelos professores e alunos. No entanto, como o professor idealizador do projeto é também formado em propaganda e marketing, ele mesmo decidiu conduzir o curso. (EMI professor)

Baird (2017 p.3) diz que “os profissionais de EMI priorizam a comunicatividade nos campos e nas situações comunicativas que enfrentam com suporte, humor, tecnologia, tempo, personalização, acomodação constante ou tudo isso”.

Então optar por um tema acessível que priorizasse a comunicação entre os alunos foi um grande desafio enfrentado, pois decidir qual seria a matéria/ tema do curso e encontrar material disponível sobre o tema no idioma-alvo não foi fácil. Desta forma o professor optou por um tema-chave no curso de gestão, que abrangia várias áreas.

O tema Branding, é um tema que pode ser aproveitado por alunos de todos os cursos ofertados na unidade (Gestão Empresarial, Logística e até mesmo Análise e Desenvolvimento de sistemas), é também um tema que disponibiliza vasta literatura em língua inglesa. Este foi um desafio, encontrar materiais no idioma alvo, para não precisar traduzir. Só que tinha um outro problema: eu precisava me atualizar, precisava estudar novamente para poder lecionar este tema. Fazia mais de 20 anos que havia me graduado, não havia Internet e mídias digitais na época da minha graduação (EMI professor)

Outro desafio enfrentado, além da preparação do professor de conteúdo, foi o de não gerar competição com o professor que ministra a disciplina de marketing em língua materna. Para tanto, antes mesmo de iniciar sua atualização na disciplina, o professor de marketing foi consultado sobre o tema escolhido para o curso em ambiente EMI, tendo dado parecer favorável à sua realização.

Para Baird (2017), os educadores universitários precisam comunicar o significado de forma acessível para pessoas que não são membros experientes. Por isso a preparação do curso é de fundamental importância para produzir um resultado satisfatório em EMI.

Com isso, fui estudar, me matriculei em vários *MOOCs* (*Massive Open Online Courses*), em inglês, entre os meses de março, abril e maio. Comprei livros, baixei artigos, fui montando um pequeno arsenal de referencial teórico, em língua inglesa. Quando terminei os cursos, me senti mais preparado para começar a rascunhar o plano do curso piloto. Havia acumulado várias fontes bibliográficas e audiovisuais, que poderia utilizar no curso piloto. (EMI professor)

Essa preparação citada por Baird (2017) produziu conhecimento suficiente para o professor de conteúdo preparar seu material de aula, visando atender às necessidades dos alunos, equipando o professor para enfrentar o desafio de preparar o plano de curso (abordagem, metodologia, plano de ensino e carga horária).

Diante desse desafio, o professor percebeu que não existe uma receita pronta em se tratando de ambiente EMI e isso foi algo muito positivo, pois se sentiu à vontade para fazer as adaptações e personalizações necessárias para o ambiente universitário nacional.

As aulas foram divididas em 3 grandes fases (INPUT, DISCUSSÃO E PRÁTICA); naturalmente havia pequenas variações. Mas, no geral, meu objetivo era sempre: apresentar um tema, discutir este tema e realizar uma atividade de prática sobre este tema. Procurei incluir várias linguagens no curso para além da verbal (muitos vídeos, comerciais de TV) com o intuito de variar os estímulos e facilitar a compreensão. O curso possuía carga total de 30 horas, tendo uma aula semanal de 2 horas ofertada no período noturno. (EMI professor)

Selecionar os alunos (estabelecer critérios de seleção) também foi um grande desafio. Para o professor, selecionar os alunos foi um processo muito difícil, pois os alunos deveriam ter o nível mínimo exigido para poder fazer o curso.

Como critério linguístico, utilizei o quadro comum europeu de referência para línguas (QEQR), adotando o nível B1 como o requisito mínimo, pois níveis inferiores não acompanhariam o curso e foi o que aconteceu. Uma entrevista oral eliminatória fazia parte do processo de seleção. Dos 35 alunos entrevistados, 15 foram aprovados; desses entrevistados, vários não podiam cursar no horário ofertado, o que

reduziu a futura turma a 8 alunos. Desses 8, três desistiram porque não conseguiram acompanhar o curso devido ao nível do inglês, pois não conseguiam fazer as apresentações, leituras e atividades do curso. (EMI Professor)

Segundo Martinez (2016), um dos desafios linguísticos mais comuns no ambiente EMI é a inadequação da proficiência do inglês pelos professores e dos alunos. Esse sempre será um desafio enfrentado, por isso é necessário que os alunos tenham um nível mínimo de inglês para acompanhar o curso.

A princípio, eu queria exigir nível B2 dos alunos, mas colegas de profissão me falaram para baixar um pouco. Arrependi-me, porque, realmente, para aproveitar com um mínimo de dignidade o curso, o aluno tem que ser B2, e o docente C1. Reforço isso porque tenho ouvido em várias palestras, pessoas defendendo, sobretudo fora do Brasil, que o nível B1 seja aceito. No Brasil, não funciona. Isso eu já afirmo categoricamente. Na segunda semana de curso, tive duas desistências, por conta de não estarem acompanhando. As alunas vieram conversar comigo, pois estavam muito interessadas, mas não conseguiam acompanhar. Demoravam a ler os textos, e em aula, sentiam que não conseguiam discutir os temas. Elas me entendiam, mas não conseguiam produzir. (EMI professor)

Outro desafio linguístico foi aceitar ou não o uso do português em sala de aula. Não há proibição do uso do idioma nativo no ambiente EMI, porém o uso sistemático do inglês reforça o desenvolvimento e o progresso dos alunos no programa EMI.

Eu queria dizer que, as apresentações e o material eram sempre em língua inglesa, porém durante as aulas, os alunos, e até mesmo eu, utilizávamos a língua portuguesa, para efeito de análise comparativa. Os alunos até me ensinaram alguns termos técnicos, que descobriram ao realizar seus seminários. Esta troca foi muito positiva, e a não demonização da língua materna os deixou menos ansiosos. Só não valia fazer corpo mole, se sabia falar em inglês, deveria falar. Se não soubesse, *no problem*, alguém ajudava. (EMI professor)

Outro desafio encontrado foi a questão da identidade do professor, pois era o professor de conteúdo e de idiomas.

Quanto a mim, passei por um conflito de identidade. Por ser professor de inglês, naturalmente, tenho a sensibilidade para questões linguísticas, porém, eu não estava lá como professor de inglês, mas sim como professor de marketing. Entretanto, muitas vezes me pagava, ao ler um texto, prestando atenção às construções gramaticais, expressões idiomáticas. Tinha que me segurar para não enfatizar isso, em aula, (risos). Foi difícil. Assim como ficar, constantemente, corrigindo o inglês dos alunos em sala, algumas vezes sim, mas outras não. (EMI professor)

Pode-se dizer que o curso valeu a pena, segundo o professor e que, certamente, replicaria o curso, porém com algumas ressalvas, entre elas, seria mais rigoroso na seleção do professor de conteúdo e dos alunos, ofereceria mais horários e procuraria não atuar tanto como professor de línguas.

Eu seria mais rigoroso na seleção, ofereceria mais horários e procuraria não atuar tanto como professor de língua. Mas acho que este último é muito difícil, kkk. E claro, gostaria que outro colega assumisse o posto de docente, eu queria ficar como observador, e dando suporte linguístico. Aliás, acho que isso é indispensável, suporte linguístico-pedagógico para o docente, e linguístico para os alunos. (EMI professor)

Após a apresentação dos seminários, o docente comenta sobre o suporte recebido pelos colegas e equipe gestora.

No dia da apresentação dos seminários, alguns professores vieram assistir, professores de inglês e de área técnica. O feedback deles foi muito animador, ficaram surpresos com o fato de termos conseguido levar a cabo este projeto. Acho que eles não tinham uma noção concreta de como seria esta experiência. O resultado estava lá, na frente deles, os alunos produzindo, em inglês, conteúdo específico. O diretor não pôde estar, mas me mandou uma mensagem cumprimentando a mim e aos alunos, e fez questão de entregar a todos nós, em mãos, um certificado de participação. (EMI professor)

Os resultados foram atingidos mesmo com todos os desafios enfrentados, pois o curso foi elaborado com nenhum incentivo financeiro externo e com uma população que não tem o inglês como parte da sua vida pessoal ou acadêmica. Esses resultados obtidos levaram o professor idealizador do curso a entender que o ambiente EMI no nível superior tecnológico é possível, sim, no Brasil, mesmo com os obstáculos enfrentados. Ele afirma que a nossa universidade não é muito internacionalizada, e nossos alunos, e nem nosso corpo docente, falam inglês. No entanto, se sente motivado a continuar.

Atrevo-me a afirmar, sem medo de estar errado, que a nossa universidade não é muito internacionalizada, e nossos alunos, e nem nosso corpo docente, falam inglês. A abordagem EMI, vai ser sempre desafiadora no nosso contexto nacional atual, para qualquer instituição de ensino. Agora, ver os alunos ali na frente apresentando, e, sobretudo, conscientes de que estavam fazendo um bom trabalho, me motiva a continuar com novos projetos de EMI sim. (EMI professor)

A abordagem EMI vai ser sempre desafiadora para qualquer instituição de ensino. No entanto, com o pensamento “*start small*” podem-se obter grandes resultados e, desta forma, nos aprofundarmos e ampliarmos a oferta de cursos em ambiente EMI.

5. Considerações Finais

Este artigo versa sobre um estudo de caso que teve como objetivo central relatar uma experiência de implementação de um curso em ambiente EMI dentro de uma instituição pública de ensino superior tecnológico do Estado de São Paulo.

Podemos dizer que a experiência do curso piloto de EMI foi de êxito, pois os objetivos propostos foram alcançados, tendo professores, alunos e instituição muito satisfeitos com os resultados obtidos.

Como foi uma experiência inovadora, vários desafios foram enfrentados desde a concepção, elaboração, implementação e finalização, no entanto foram superados com sucesso devido à dedicação de todos os envolvidos.

Os desafios foram dos mais diversos, entre eles, o desafio linguístico, preparação do curso, seleção de alunos e professores, sendo todos superados refletindo em resultados satisfatórios.

Por ter sido uma experiência inovadora no ramo tecnológico, novos caminhos foram abertos para a elaboração de outros projetos de EMI, visando à implementação de novos cursos.

No entanto, para que haja multiplicação deste projeto piloto de EMI, algumas alterações deverão ser feitas para que os resultados do curso sejam plenamente satisfatórios. Deve-se prestar atenção em determinados fatores, como seleção de professores, de alunos, oferta de mais horários, apoio linguístico da instituição tanto para professores quanto para alunos, levando sempre em consideração novos contextos sociais, econômicos, acadêmicos e culturais.

Referências

- BAIRD, R. *Defining EMI*. Southhampton, 2017. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/emi-academics>. Acesso em: 10 maio. 2020
- BAIRD, R. *EMI and Globalisation. A good thing?* Southhampton. 2017. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/emi-academics>. Acesso em: 10 maio. 2020
- BAIRD, R. *How important is language accuracy in EMI teaching*. Southhampton, 2017. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/emi-academics>. Acesso em: 10 maio. 2020
- BRADFORD, A. *Toward a Typology of Implementation Challenges Facing English-Medium Instruction in Higher Education Evidence From Japan*. *Journal of Studies in International Education*, 1028315316647165. 2016
- CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Lisboa: ASA, 2001. 2.ed. Pelotas: Educat, 2006. p.353-376.
- DEARDEN, J. *EMI Instructor*. Oxford University. 2017. Disponível em: www.oxfordemi.co.uk. Acesso em 3 jul. 2017

- GRADDOL, D. *English Next*. Reino Unido: British Council, 2006
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. 11^oed. Rio de Janeiro, 2006. 102p.
- LEFFA, V. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras*. IN: LEFFA, V.(Org.). *O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. 2.ed. Pelotas: Educat, 2006. p.353-376
- MARTINEZ, Ron. *English as Medium of Instruction (EMI) in Brazilian Higher Education: Challenges and Opportunities*. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318487508>. Acesso em 20 Set. 2020
- McGREW, A. "A global society?". In: Stuart Hall; David Held e Tony McGrew (orgs.). *Modernity and its 28 futures*. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992: 61-116.
- PALLÚ, N. M. *Que inglês utilizamos e ensinamos?: reinterpretações de professores sobre o processo de ensino e aprendizagem do inglês contemporâneo*. 2013, 242f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013
- RAMIREZ, A. R. *História de vida na formação do professor*. São Paulo: Centro Paula Souza. 2014
- RIZZINI, Irma; CASTRO, Monica Rabello de; SARTOR, Carla Silvana Daniel. *Pesquisando: guia de metodologias de pesquisas para programas sociais*. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999
- ROSA, Patrícia. *O Inglês como língua franca na visão dos professores em exercício da educação*. Universidade de Santa Cruz do Sul. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315096866>. Acesso em: 20 Set.2020
- UNESCO. *The use of vernacular languages in education*. Paris: UNESCO. 1953.